BANDEIRA 3 – IMPRESSO ALTERNATIVO NA AMAZÔNIA EM TEMPOS DE DITADURA[1]

Camila Barros[2]
Rogério Almeida[3]

Resumo

Bandeira 3 foi um boletim que circulou em Belém do Pará no ano de 1975. Aglutinou intelectuais, jornalistas, cartunistas, fotógrafos e ilustradores em torno de uma iniciativa considerada do campo do jornalismo alternativo. A publicação contemplou em suas páginas pautas sobre a Amazônia não privilegiadas na grande mídia. O presente artigo recupera parte da experiência da publicação.
Palavras-chave: História. Amazônia. Jornalismo. Regime Militar.

Abstract

Bandeira 3 (*3 Flag*) was a report circulated in Belém in 1975. Brought together intellectuals, journalists, cartoonists, photographers and illustrators around an initiative considered the field of alternative journalism. The publication included in its guidelines on the Amazon page does not privileged in the mainstream media. This article reviews part of the experience of the publication.
Keywords: History. Amazon. Journalism. Military Regime.

1 Fragmento de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado no Curso de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (Unama), habilitação em jornalismo, segundo semestre de 2011.

2 Jornalista, autora do TCC *Comunicação na Amazônia: Bandeira 3 – uma experiência alternativa no Pará (1975)*. Correio eletrônico: camilab.jor@gmail.com

3 Orientador do TCC, mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea\Ufpa). Correio eletrônico: araguaia_tocantins@hotmail.com

Introdução

O Estado de exceção marcava a atmosfera política do país quando a primeira versão do *Bandeira 3* (*B3*), uma publicação de viés alternativo, circulou na capital no Pará entre os anos de 1971 e 1972, como encarte do jornal Província do Pará. Os planos de integração econômica do regime militar redefiniam os cenários econômico, político e social da Amazônia, enquanto militantes do PC do B agitavam uma guerrilha na região do Araguaia, sudeste do Pará e Norte do Tocantins (antes território do estado de Goiás). Dias delicados. A segunda experiência do *B3* ocorre em 1975, a partir de um coletivo de jornalistas e intelectuais experimentados e outros jovens, sob a coordenação do jornalista Lúcio Flávio Pinto. Quando da retomada do jornal, a Guerrilha do Araguaia havia arrefecido. É sobre este momento do boletim que o presente artigo vai se debruçar.

A historiografia contemporânea sobre a produção jornalística enquadrada como alternativa registra o momento da ditadura (1964-1985), como o mais eloquente. A tese de Kucinski (1991) tornou-se uma referência sobre o tema, e classifica essa produção em três linhas: a existencial, a política e os jornais satíricos. Ao analisar o conteúdo do *B3*, capas, editorial e temas abordados, é possível arriscar-se em classificar o jornal como político, mas, desprovido de laços orgânicos com movimentos sociais, partidos políticos ou alguma corrente doutrinária, como era comum nos anos do regime militar. O quadro do jornal era composto por pessoas da classe média, preocupadas com pautas relevantes sobre a Amazônia, e que não eram contempladas na imprensa comercial da época, realidade que permanece a mesma ainda hoje. A grande mídia não realiza uma cobertura sistemática sobre a região, apesar de ser tema dos mais variados interesses locais ou não. Atualmente, em Belém, não existe nenhuma sucursal dos principais diários do país.

Bandeira 3 em detalhes

O *B3* foi, em primeira instância, um encarte dominical veiculado no jornal *A Província do Pará*[4] nos anos de 1971 e 1972. Crítica e humor foram ingredientes do jornal, algo inspirado no *Pasquim*, do Rio de Janeiro. Quanto ao

4 Periódico fundado em 25 de março de 1876, que circulou em Belém do Pará como jornal diário. Durante o ciclo da borracha pertenceu ao então intendente de Belém, Antônio Lemos. Em 1947, integrou o grupo dos Diários Associados, tendo sido vendido em 1997 para o grupo paraense dono da Editora Cejup. Em 2001 deixou de circular, quando foi novamente vendido. Disponível em:<http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Prov%C3%ADncia_do_Par%C3%A1>. Acesso: 10 ago. 2011.

Província, era um jornal antigo e muito conservador, nesse sentido, o encarte proporcionou uma inovação atenuadora desse conservadorismo. No entanto, era difícil mantê-lo devido ao custo que ele acarretava e, por essa razão, foi necessário abrir mão do caderno.

Em 1975, Lúcio Flávio[5] resolveu refundar o jornal *B3*. O alternativo era um trabalho paralelo à função que exercia no jornal *O Liberal*, e como correspondente do *Estadão*. Em formato tabloide, com edições semanais, os números tinham vinte e quatro páginas, tiragem de dois mil exemplares e diagramação moderna, na época em que a impressão em *offset* era uma novidade. Em entrevista o editor informa que:

> Então, no *Bandeira 3* eu ainda tentei fazer um jornal para competir com a grande impressa, porque ele era semanal, e eu tinha vindo de São Paulo. Nessa época, em 1972,

5 Lúcio Flávio Pinto é considerado a maior autoridade jornalística sobre a Amazônia. Tem 15 livros publicados e já participou de inúmeras coletâneas. Trabalhou nos principais veículos de comunicação do país, entre eles o *Estado de São Paulo*, por 17 anos. A obra de Pinto tem sido uma fonte de investigação nos mais diversos campos de pesquisa. O reconhecimento do trabalho se traduz nas premiações que o mesmo já recebeu: *Esso*, por seis vezes, dois *Fenaj*, da Federação Nacional dos Jornalistas. Em 1988 o *Jornal Pessoal* foi considerado a melhor publicação do Norte e Nordeste, pelas abordagens jornalística, política e investigativa que faz sobre a Amazônia. Em 1997, ganhou o prêmio *Colombe d'Oro per la Pace*, dado anualmente pela organização não governamental italiana Archivio Disarmo a personalidades e órgãos de imprensa que tenham uma contribuição significativa na promoção da paz. Em 2005, foi premiado com o *Internacional Press Freedom Award*, da organização nova-iorquina *Committe to Protect Journalists* (CPJ), dado a jornalistas que tenham se destacado na defesa da liberdade de imprensa. Colaborou com várias publicações consideradas alternativas no período da ditadura (1964-1985), entre elas o *Resistência*, editado pela Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SPDDH). O interesse público é o norte de sua obra, e que por isso tem contrariado os mais variados setores. Por denunciar desvio de verba pública, grilagem de terras e deslizes do judiciário, coleciona processos de políticos, agentes do judiciário, empresários e grileiros de terras. Por conta de uma matéria foi agredido fisicamente em espaço público por Ronaldo Maiorana, um dos executivos das Organizações Rômulo Maiorana (ORM), que repete o sinal da TV Globo. Além de TV as ORM controlam TV aberta, a cabo, rádios AM e FM e os jornais *O Liberal* e o *Amazônia Jornal*. O jornalista trabalhou no jornal *O Liberal* quando o patriarca da família ainda era vivo. José de Souza Martins, sociólogo da USP é um dos intelectuais com quem mantém correspondência. Em 1990, Fabíola Imaculada de Oliveira defendeu a dissertação de mestrado na ECA\USP *Jornalismo científico e a Amazônia: estudo de quatro jornais brasileiros*. O *Jornal Pessoal* foi um dos casos estudados. Já, em 2008, Maria do Socorro Furtado Veloso defendeu também na ECA\USP a tese *Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia*: 20 anos do *Jornal Pessoal* (1987-2007), sob a orientação do professor Laurindo Leal Filho.

> o jornal começou o *offset*. Até então a impressão era quente, com a tipografia. *Folha de São Paulo* (1972) e *O Liberal* (1973) foram os primeiros que entraram com o sistema *offset*, impressão a frio, que tinha muitos mais recursos gráficos do que a tipografia. E eu tinha trabalhado em São Paulo com o *offset*, e *O Liberal* tinha o *offset*, mas não treinou os gráficos para usar os recursos.

Na primeira edição, em janeiro de 1975, o jornal destacava como furo jornalístico (informação que a grande imprensa não divulgou) a antecipação do plano para o desenvolvimento do estado elaborado pelo novo governador imposto pelos militares, Aloysio Chaves. A questão sinaliza a responsabilidade e o compromisso da linha editorial do *B3* com o leitor, ao publicar as diretrizes de quem estava prestes a administrar o Pará. A elaboração de plano de governo por um estado da federação era algo inédito naqueles dias.

A existência efêmera marca a vida das publicações alternativas. No caso do *B3*, uma das justificativas para explicar a breve vida do boletim, é creditada à falta de recursos financeiros por conta da ausência de publicidade. Conforme informação do editor, o público do *B3* era constituído pela classe média, universitários, entre outros, e o jornal "vendia muito para empresários, acadêmicos e estudantes. Ele, no ponto de vista de público, foi um sucesso. As primeiras edições acabaram rapidamente, porque era uma novidade" (Pinto, entrevista realizada em 2011).

Em 1991, Lúcio ainda tentou retomar a iniciativa. O projeto era para trazer à tona uma edição histórica, tendo em vista seu conteúdo. Nesta edição, Lúcio Flávio expôs à opinião pública uma carta cheia de insultos escrita por Hélio Gueiros[6].

A edição de número zero circulou em maio de 1991, contendo na íntegra a correspondência de Hélio a Lúcio, escrita da forma mais baixa e chula, repleta de palavras de baixo calão. Os argumentos descritos para contestar as declarações feitas por Jader Barbalho em entrevista dada ao jornalista em *A Província do Pará*, onde ele relatava a situação em que encontrou as contas do estado

6 Hélio Gueiros tinha a atividade política intensa, onde desempenhou vários cargos, como deputado federal, senador, prefeito e governador do estado do Pará. Além das atividades políticas foi professor e advogado. Gueiros também exerceu o jornalismo como profissão. Junto com Magalhães Barata ajudou a fundar o jornal *O Liberal*, na década de 1950. Na redação de *O Liberal* exerceu a função de repórter, redator, secretário, editorialista, colunista, redator-chefe e diretor-superintendente. Foi redator e editor na *Folha do Norte* durante a segunda fase de *O Estado do Pará*. Na época da fundação do *Diário do Pará,* no início da década de 1980, foi seu principal articulista e ainda redator e apresentador do programa "Em Primeira Mão", na TV Marajoara. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lio_Gueiros>. Acesso: 12 ago. 2011.

depois da gestão de Hélio, misturavam-se com expressões grossas, todas com a intenção de atingir o ex-aliado político (Jader Barbalho) e o jornalista.

A identidade do tabloide

A conservação dos documentos deste fragmento da história recente, pelas instituições responsáveis, é precária. Um barbante amarrava todas as edições do *B3*[7] na seção Pará, da biblioteca pública da Fundação Cultural Tancredo Neves (Centur), um órgão do setor de cultura do estado. O mesmo quadro se repete com outros documentos, alguns já sem condições para a consulta.

O jornal alternativo *B3* circulou pela primeira vez em sua segunda versão em 1975. As 24 páginas tinham a impressão em *offset*, uma diagramação moderna e tiragem de dois mil exemplares por edição; exceção da primeira (n. 1), que teve 32 páginas. O *B3* se desenvolveu em três fases, correspondendo a oito edições: a primeira fase (15 de janeiro a 18 de fevereiro de 1975) com cinco edições; a segunda (19 de agosto a 2 de setembro de 1975) com duas; e a terceira fase produzida 16 anos depois, com apenas uma edição, datada de 11 de maio de 1991.

O editorial da primeira edição inserido na contracapa, explica em que contexto o alternativo era produzido, e que proposta o mesmo defendia:

> Pouco resta a dizer sobre este primeiro número do Bandeira 3, além do que está nas páginas seguintes ou do que profetizam as pessoas ouvidas nesta página. Este é um jornal profissional feito em condições amadorísticas sem suporte financeiro e sem uma estrutura física adequada, ele procura apenas ser um atestado das possibilidades de um jornalismo moderno numa área nova e rica. Quer entrar no cérebro de todos os que os lerem (ampliando sempre mais o universo de leitores) para esclarecer, propor e participar dos dramas diários, pessoais e gerais. Não quer ficar de braços cruzados à espera do dia mitológico que há de vir. Cada um fará seu próprio julgamento do que queremos pelo que fizemos. Neste primeiro número, excepcionalmente, em 32 páginas. A partir do segundo, em 24, os limites das possibilidades e do desafio. Criamos a nossa existência. A sobrevivência vai depender exclusivamente do leitor, (*B3*, 1975, p. 2).

7 Algumas publicações da época merecem registro. O *Varadouro*, produzido em Rio Branco, estado do Acre e o *Resistência*, sediado em Belém. O primeiro virou um tributário da memória da agenda política dos seringueiros; o segundo exerceu um papel significativo junto às representações populares no Pará. *Varadouro* rivaliza com o *Resistência* em importância no campo do jornalismo alternativo na Amazônia. O boletim acreano foi o canal de comunicação dos seringueiros contra a jagunçada dos fazendeiros. O *Vara*, como o trata o seu editor da época, Elson Martins, circulou entre 1977 e 1981. Já foi objeto de dissertações e tese de doutorado. No sudeste do estado vale ser mencionado *O Grito* da PA 150 e no oeste, *O Lamparina*.

A partir das palavras descritas acima, o editor dá o pontapé inicial, mostrando ao público paraense as intenções em contemplar pautas de interesse público do cenário amazônico. O *B3* continha um tom de crítica e ironia, escrachado já no nome. Sobre isso, o editor esclarece que:

> Era esse o nome do suplemento dominical que publicamos encartado em *A Província do Pará*, entre 1971 e 1972. O nome se inspirava num bando que assaltava motoristas de táxi. Os bandidos atuavam depois da bandeira branca, onde estava o marco da légua, delimitando a primeira légua patrimonial de Belém. A partir desse ponto os motoristas podiam usar a bandeira 2. Por isso o bando era da bandeira 2. Aí, por ironia, fizemos o *Bandeira 3*, que durou uns 30 números. Achei que devia continuar a tradição (Pinto, entrevista realizada em 2011).

A análise de todas as edições do *B3* indica alguns temas centrais da linha editorial do jornal: grandes projetos na Amazônia, questão ambiental, reorganização urbana e aspectos culturais de Belém. Em relação aos grandes projetos ocorrem desdobramentos, que passam pela análise do Programa Grande Carajás[8], as tensões que o mesmo acarretou na luta pela terra e o choque com as culturas milenares das populações locais. Chama a atenção não ter encontrado matéria sobre a Guerrilha do Araguaia, pois em 1975, o Exército realizava as derradeiras operações.

Projeto Gráfico do *B3*: capas, contracapas, iconografias

Esta análise tem como ponto de partida a criatividade mostrada nas capas das edições do *B3*. As ilustrações representavam o que a escrita nem precisava mostrar, tendo em vista que a imagem reproduzida na capa tinha relação direta com a principal manchete do jornal. As capas e primeiras páginas funcionam como vitrine da publicação, que por meio de "chamadas" de matérias, fotos, manchetes e *slogans*, indicam a ênfase em determinados temas e questões (Cruz; Peixoto, 2007, p. 262).

A edição de n. 1 traz as chamadas das matérias e manchetes que enfatizam diversos temas em questão, em particular o Programa Grande Carajás, instalado no sudeste do estado. Há uma coerência na organização do número inaugural do

8 A região de Carajás, sudeste paraense, abriga a maior mina de minério de ferro do mundo e a maior hidrelétrica do país, Tucuruí. O lócus abrigou o maior garimpo a céu aberto do mundo – Serra Pelada, e tem notoriedade internacional pela intensa disputa pela terra, sendo o local no Brasil onde mais se matou gente envolvida na defesa da reforma agrária e meio ambiente. É conhecido mundialmente o Massacre de Eldorado (1996), onde a PM executou 19 sem-terra. Desmatamento e trabalho escravo são outras chancelas que marcam a região.

B3. Uma longa entrevista com o professor e histórico ativista do meio ambiente Camilo Vianna, dialoga com as matérias que tratam sobre a instalação de grandes projetos extrativistas de madeira e minério, e mesmo a redefinição do espaço da capital do estado, e as questões que impactavam a vida das populações indígenas. Um dos temas tratados na entrevista com o ambientalista é a especulação imobiliária em Belém, e a pressão sobre as áreas verdes. Em um trecho da entrevista o professor dispara "todos parecem contrários à arborização da cidade".

Sobre a cena cultural da cidade, o *B3* ilumina a produção em dramaturgia do jovem estudante de letras Marco Antonio Rodrigues de Oliveira, então com 25 anos. A peça intitulada "A Ameaça" conquistou um prêmio nacional de autores amadores em 1970. A revista *Veja* e o *Jornal da Tarde* cobriram o fato. Depois disso, a peça foi encenada por um grupo de teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC\SP).

Ainda na mesma edição o *B3* alerta sobre uma peculiaridade religiosa ocorrida nos Sudeste do estado. "Em Marabá um deus de pedra reza" mostra a devoção de romeiros que chegam de vários cantos do estado, e até mesmo de outras regiões, como do Ceará para render adoração a uma pedra, assim citada na matéria: "O 'Divino da Pedra' – um fragmento rochoso, de faces polidas, vulgarmente chamado de gorgulho, com aproximadamente 15 centímetros de diâmetro – é o novo santo responsável por milagres de todos os tipos". Trata-se de um fragmento rochoso sob a responsabilidade de um garimpeiro de nome José Calixto de Souza, que identifica na pedra, representações divinas. A região abrigou inúmeros garimpos, sendo o mais famoso, o Serra Pelada.

A segunda manchete intitulada "O ano todo no balanço de análise", faz referência a uma avaliação sobre os acontecimentos no ano de 1974 divididos em tópicos, onde são abordadas as seguintes temáticas: Amazônia, Estado, Política, Internacional, Livros, Teatros, Artes, Polícia e Futebol. Quanto aos anúncios merece registro a propaganda do escritório de advocacia de Asdrubal Mendes Bentes. Compra, venda e legalização de terras era a especialidade da assessoria do advogado, que veio mais tarde a tornar-se expressivo político das fileiras conservadoras. Bentes depois dirigiu a instituição responsável pela questão fundiária no regime militar, o Grupo Executivo das Terras do Araguaia – Tocantins (Getat). Duas empresas de construção também anunciaram nesta edição, a Construtora de Negócios Ltda – Condusa e Crésio Demétrios dos Santos.

A construção da nova usina siderúrgica de Carajás também tem destaque na capa da primeira edição – "Nova usina de Carajás fica aqui?" e, a matéria considerada pelo editor como de maior relevância – "Um 'furo': diretrizes do Governo", Lúcio Flávio teve acesso a um documento em que Aloysio Chaves, no-

meado governador pelos militares, mostrava o seu plano de governo. O ex-Reitor da Universidade Federal do Pará (Ufpa) estava pronto para assumir o cargo.



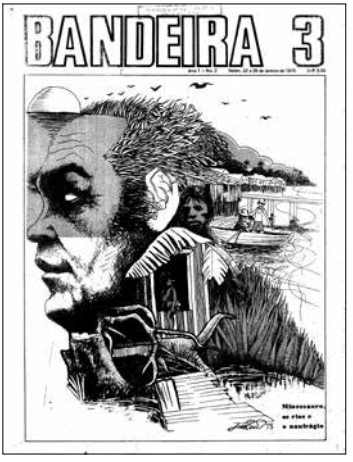
Jornal *Bandeira 3*, Ano I, n. 1, página 9 e a capa, 1975, Belém/PA.

O *B3* antecipava o programa do novo governo em uma análise demonstrando que Aloysio Chaves criticava o centralismo do governo militar. Por mais que fizesse parte do regime, ele queria marcar época e a publicação antecipou este plano de diretrizes, o que teve uma repercussão nacional, fazendo com que o então governador, aprovado em Assembleia Geral, tivesse que se explicar ao presidente Ernesto Geisel. Essa foi considerada uma das, senão, a maior façanha do alternativo *B3*. O editor explica que:

> Nenhum jornal resistiu ao governo, todos aderiram. Ninguém usou de censura aqui. Todos, voluntariamente, aderiram ao regime. Então, eu contava histórias políticas que a grande imprensa não abordava, temas novos, como ecologia, grandes projetos, violência, conflitos de terra (...) A maior façanha do Bandeira 3 foi antecipar o programa do novo governo. O novo governador era o Aloysio Chaves, em 1975, que foi eleito pela Assembleia Legislativa. Não tinha votação direta nessa época. Aloysio Chaves, que tinha sido reitor da Universidade Federal e presidente da Justiça do Trabalho, aqui. Embora ele fosse do regime militar, ele queria marcar uma época. Então, ele foi o primeiro governador que fez um programa antecipado de governo. Ele criticava o governo federal, porque o governo federal deixava para os estados os planejamentos alocativos, só colocar as verbas, enquanto que o planejamento inovativo era monopólio federal. Isso em pleno governo do general Geisel. Então, eu publiquei o plano de diretrizes do governo, e teve uma repercussão nacional. O *Estado de São Paulo* publicou um editorial dizendo: 'Finalmente um governador criticou o centralismo do poder do regime militar'. Então, teve uma crise.

> Teve repercussão nacional o furo do *Bandeira 3*. Então, eu queria mostrar que mesmo um jornal alternativo poderia ir à frente da grande imprensa. Era um furo que a grande imprensa poderia ter dado, mas não dava por falta de fonte, por falta de gente para cobrir, por falta de diretriz editorial (Pinto, entrevista realizada em 2011).

A segunda edição do *B3* contempla a cena cultural da capital paraense, demonstrada em uma entrevista realizada com um dos nomes mais relevantes da literatura produzida na Amazônia, Benedicto Monteiro. O escritor e político de oposição ao regime estava prestes a lançar *Minossauro*, o segundo volume de uma trilogia que começou com *Verde Vagomundo*, uma importante obra de ficção sobre a Amazônia. Umas das especulações de Lúcio Flávio Pinto na entrevista é o retorno de Benedicto à literatura, por conta da cassação do mandato político que ele exercia, além de toda uma conversa em torno da produção do livro em que aborda vários aspectos da realidade do homem da floresta, como os problemas humanos, sociais e econômicos. Nesta edição é especificado o cenário típico da população tradicional da região do Baixo Amazonas, oeste do estado.



Capas do jornal *Bandeira 3*, Ano I, n. 2 e n. 3, 1975, Belém/PA.

Na terceira edição os jornalistas destacam o esporte, não como entretenimento, mas com uma informação chocante, as "Injustiças do Futebol". A ênfase é dada a uma longa entrevista com o atleta Fernando Jacó Neves, que trata sobre a carreira e o afastamento do jogador dos quadros do Clube do Remo. A dispensa dele foi anunciada de uma forma pouco comum, por meio da imprensa (rádio e jornal), e não diretamente pela presidência do clube. O jogador explica na entrevista concedida à equipe do jornal, sobre situações corriqueiras

de times de futebol, tais como a relação dos jogadores com o treinador, a forma como recebeu a notícia do afastamento do clube, *doping* e planos futuros.

A capa da quarta edição remete à situação da população indígena. Trata da proposta do Ministro do Interior, Mauricio Rangel Reis, que sugere a modificação do estatuto indígena. Esta traria a emancipação dos índios, que sairiam da tutela da Fundação Nacional do Índio (Funai). A condição imposta era que falassem português, tivessem mais de 21 anos e mostrassem que estavam adequados à cultura dos brancos. Desta forma, passariam a viver com todos os diretos e deveres de um cidadão comum. Temas relacionados com os povos indígenas ainda hoje são secundados na grande imprensa. São as tragédias relacionadas com a saúde nas aldeias e as situações de conflito que costumam pautar a grande mídia. Em geral, ela refunda algumas impressões registradas nas narrativas inaugurais dos primeiros viajantes, aventureiros e naturalistas, entre outros. Nestas, em linhas gerais, tais populações são tratadas como uma representação do atraso.



Jornal *Bandeira 3* Ano I, n. 4, página 19 e a capa da mesma edição, 1975, Belém/PA.

Outro destaque da edição é a polêmica sobre como seria feito o escoamento do minério de ferro extraído do sul do Pará, se deveria sair pela ferrovia ou hidrovia que eram as duas formas apresentadas no período. Os governos do Pará e Maranhão decidiram construir uma ferrovia que ligava Carajás ao Porto de Itaqui, no Maranhão.

O uso do Teatro da Paz, uma edificação remanescente do ciclo da borracha (1879 a 1912) é o tema central da quinta edição do *B3.* A reportagem critica a forma como o "grande elefante branco" era tratado, e que passava pela quarta

reforma. A observação mostra que o teatro recebia atrações de fora em grande número, e pouco dava oportunidade para os artistas e companhias da região. A atividade cultural local não era valorizada dentro deste espaço. O que evidencia o aspecto provinciano da elite de Belém.



Capas do jornal *Bandeira 3*, Ano I, n. 5 e n. 6, 1975, Belém/PA.

A ultraconservadora organização *Tradição, Família e Propriedade*- TFP[9] é o tema central da sexta edição do *B3*. Nela um jovem estudante conta como se livrou da entidade, que o próprio define como laboratório de lavagem cerebral para impor sua doutrina anticomunista. Ele avalia pontos que considera positivos e os pontos negativos da entidade. A reportagem é um registro da maneira como a TFP procurava recrutar adeptos na região amazônica. A edição trazia, ainda, reportagens a respeito da realidade das comunidades tradicionais da região, a partir do destaque em manchetes: "O fim da vida do 'caboclo'?", "As violências e os 'peões' do sul do Pará", "Reza proibida para o colono" e problemas urbanos da capital, em "As fantásticas histórias com nosso subúrbio".

A tumultuada eleição do deputado Gerson Perez, pela Arena[10] (Aliança Renovadora Nacional), escolhido por unanimidade pelos membros do diretó-

9 A TFP – Ass. Brasileira da Defesa da Tradição, Família e Propriedade foi criada no final dos anos 1930 por Plinio Correia de Oliveira para combater grupos esquerdistas do país. Após a morte de Plínio, foi o padre Adolfinho que ressuscitou a organização. Disponível em: <http://desciclopedia.ws/wiki/Tradi%C3%A7%C3%A3o,_Fam%C3%ADlia_e_Propriedade>. Acesso: 14 ago. 2011.

10 Aliança Renovadora Nacional (Arena) foi um partido político brasileiro criado em 1965 com a finalidade de dar sustentação política ao governo militar, instituído a partir do golpe militar de 1964.

rio regional do partido, é destacada na sétima edição do *Bandeira 3*. A temática indígena e grandes projetos também são abordados pelo alternativo.





Capa do jornal *Bandeira 3*, Ano I, n. 7 e o comercial da Ceasa – página 16, da edição de n. 05, 1975, Belém/PA.

Nas capas do *B3*, não era comum o uso de imagens fotográficas, mas mostravam um cenário a partir de ilustrações, de Luis Pinto, irmão de Lúcio. Ilustrações, acompanhadas ou não de manchetes, criavam uma extensão das temáticas centrais que abordavam a realidade da Amazônia.

> A ideia foi minha (aliás, o *Bandeira 3* era propriedade privada minha). Tínhamos excelentes ilustradores: o Luiz Pinto, o Haroldo Melo, o Edil e o Hamilton Bandeira. Então achei que ficaria mais original fazer uma capa gráfica, com traço (à maneira do que sempre fiz no *Jornal Pessoal*). Dá um impacto maior. Um desenho, um cartum, uma imagem valem mais do que mil palavras. Uma boa ilustração vale por um editorial. É informação compacta, densa. Queria causar impacto imediato (Pinto, entrevista realizada em 2011).

As contracapas eram destinadas aos editoriais, ao expediente e às cartas enviadas pelos leitores. Além disso, havia ainda, um espaço dentro do alternativo para uma coluna intitulada "Balaio", onde, em poucas linhas, eram publicadas notas sobre o cotidiano, assinadas pelos colaboradores. Outro aspecto demonstrativo do Jornal *B3* é o quadro de representação fotográfica, exclusivo de uma página intitulada fotografia.

> É frequente a convicção de que o praticante das artes visuais em geral (fotografia, cinema, um certo teatro que andam fazendo por ai precisa apenas de técnica e sensibilidade. No campo específico da fotografia, esse preconceito está próximo do fim, mesmo

em lugares de remota atualização em Belém. O fotógrafo é um criador e se ele está criando num século como o nosso vai precisar de algo que inspiração, sensibilidade e técnica: precisa também de doses substanciais de cultura. Porque ele não é um debiloide que aperte um botão de uma máquina: ele pensa. E quando ele pensa, ele opta: a melhor foto pode não ser a que simplesmente traspõe para o negativo e deste para o papel uma paisagem. Com sua foto, ele diz coisas, participa da vida, intervém com uma opinião: a própria foto, não é um trabalho naturalista, mas um produto da impressão do fotógrafo sobre os acontecimentos. Ademir Silva está muito próximo desse estágio – e há algo mais importante: ele está preparado em atingi-lo. Tanto em momentos que exigem o tirocínio do repórter (foi um dos raros fotógrafos que conseguiu apanhar o milionário Daniel Heith Ludwing desprevenido e fotografá-lo) como naqueles trabalhos que exigem conhecimento e habilidade (a composição de laboratório), ele tem demonstrado um alto nível profissional (*B3*, Ano I, n. 05, página 23, 1975).

Não diferente de todos os demais jornais, inclusive os considerados "grandes", o *B3,* para ter sobrevivência, precisava de propaganda. O alternativo veiculava anúncios das mais variadas especialidades, desde os pequenos anunciantes aos grandes investidores como o próprio governo. Os anúncios eram de várias dimensões, alguns tomavam conta de toda a página, como por exemplo o anúncio da Central de Abastecimento (Ceasa).

A frequência das propagandas em relação aos anunciantes era escassa em alguns casos, ou seja, nem sempre uma propaganda divulgada em um exemplar era necessariamente exibida em outro, inclusive, havia edições que mostravam um anunciante por edição. Diante desse quadro pode-se constatar o quanto os anunciantes eram pouco comprometidos com o projeto, razão essa, que mais uma vez, vale enfatizar, contribuiu para o término do alternativo.

Equipe, produção e distribuição

A equipe do alternativo não era pequena. Inicialmente, 25 profissionais engajados estavam diretamente envolvidos na produção do jornal. Depois os números aumentaram. Lúcio Flávio Pinto era o editor. As editorias seriam divididas por temáticas: "Nacional/Internacional" cabiam a Guilherme Augusto; "Amazônia" a Raymundo Costa; "Cidade" a Raimundo José Pinto (irmão mais velho de Lúcio); "Especial" a Walter Rodrigues e "Artes/Espetáculos" a Regina Alves. O repórter fotográfico do tabloide era Ademir Silva. Na diagramação, o *B3* contava com a colaboração de Antonio Carlos Guimarães. A ilustração era de Luis Antonio Pinto.

Eram repórteres: Nélio Palheta, Paulo Roberto Ferreira, Elias Pinto Jr., Fernando Lima e Francisco Guerra. Mas a redação do *B3* se estendia por municípios do Pará e do Brasil. No estado, eram correspondentes Manuel Dutra, em Santarém e José Ademir Braz, em Marabá. Em Manaus (AM), havia a cola-

boração de Manuel Lima. Outro repórter responsável pela cobertura dos fatos na região Norte, era o jornalista Elson Martins, sitiado em Macapá (AP). Do Rio de Janeiro (RJ), as reportagens eram enviadas para a redação, em Belém, por Hamilton Bandeira. Na capital paulista (SP), eram correspondentes Sérgio Buarque e Palmério Vasconcelos.

Além das editorias e dos correspondentes espalhados pelo território brasileiro, ainda havia a participação dos colaboradores, Osmar Pinheiro, Luís Otávio Barata, Hanna Karina Bujnowska, Walter Bandeira, Isidoro Alves e Haroldo Melo.

Essa equipe se manteve até a quinta edição do alternativo. No sexto exemplar, o número aumentou consideravelmente com o reforço de Kátia Mendonça e Gilson Dumont, na redação. Na ilustração, aderiram ao projeto Walter Pinto e Raimundo Darcio. Outros que passaram a colaborar com a produção jornalística do jornal foram João de Jesus Paes Loureiro, Mariano Klautau de Araujo, Zélia Amador de Deus, Nelson Romero Silmancas e Helio Mairata. No quadro do *B3* temos uma espécie de elite intelectual de Belém. Atualmente muitos são professores universitários, e outros são profissionais respeitados em suas carreiras. João de Jesus Paes Loureiro é doutor da Ufpa que assina várias publicações que buscam interpretar aspectos sobre a cultura produzida na Amazônia. Loureiro também assina livros de poesia e recentemente um romance. Zélia Amador também é professora, assim como Regina Alves e Mariano Klautau e o finado Walter Bandeira.

A redação do *B3* funcionava numa pequena sala, na Rua 13 de Maio, em pleno centro comercial de Belém. O tabloide era composto e impresso em preto e branco, na Gráfica Deeltaque que funcionava nas dependências do jornal *O Liberal*. Nessa época, Lúcio era correspondente do *Estado de São Paulo*, chefe da sucursal em Belém e editor da coluna Repórter 70 (do mesmo jornal). O editor foi amigo do patriarca da família Maiorana, que controla *O Liberal*, e repete o sinal da TV Globo, possui rádios AM e FM e TV por assinatura. Lúcio hoje mantém uma peleja jurídica com os herdeiros.

Projeto editorial: movimentos e posicionamento político na conjuntura

Neste item, Cruz & Peixoto indicam "o aprofundamento da análise do projeto editorial do periódico na conjuntura por meio de uma leitura mais detida e cuidadosa de seus 'conteúdos', problematizando o movimento do jornal enquanto força ativa" (2007, p. 266).

O *B3* expunha em suas matérias aspectos sociais e culturais da capital, registro de assuntos voltados às políticas de Estado de integração, e temáticas

relacionadas aos problemas indígenas, além de privilegiar temas de cunho ambiental, quando ainda não era moda se tratar do assunto.

A publicação contemplou ainda a divulgação da agenda cultural registrada na cidade belenense, e as transformações que os processos econômicos da ditadura engendraram na capital e interior do Pará.

Uma correspondência (quase) censurada

O exemplar de número zero (1991) apresenta-se como uma forma de ressuscitar o *B3*. No entanto, esta foi a última tiragem do que acreditava-se ser uma das melhores alternativas de um jornal independente para registrar os fatos da região paraense, dando enfoque à Amazônia num sentido geral.

A edição, além de outras matérias, vem com uma informação em que o editor considera razão para transformar a capa numa imagem de luto, tendo em vista o conteúdo desta. Trata-se de uma carta que lhe foi enviada da forma mais grosseira possível pelo ex-governador do estado, Hélio Gueiros. Não cabe aqui descrever o conteúdo pornográfico desta correspondência, no sentido de dar valor às expressões baixas com as quais Hélio se dirige ao jornalista.

Outras importantes experiências editoriais comandadas por Lúcio Flávio vieram após o *B3*, entre elas o *Agenda Amazônia*, o boletim *Informe Amazônico*, de 1980 e o *Jornal Pessoal*, que há 25 anos é publicado quinzenalmente pelo jornalista.


Bandeira 3

E

Lúcio Flávio Pinto


A resposta que Gueiros não recebeu

Capa do *Bandeira 3,* Ano I, n. 0 e a Carta-resposta a Hélio Gueiros, página 9 da mesma edição, 1991, Belém/PA.

Considerações finais

O *Bandeira 3* é reconhecido como um dos projetos de impresso alternativo implantados no Pará durante a ditadura militar. Ele agregou a tantos outros reconhecimentos, o mérito de ter servido de laboratório para jornalistas que vieram a se tornar referência na profissão anos depois. Além de ter registrado uma série de dinâmicas econômicas, sociais e políticas que redefiniram a região econômica, política e socialmente.

Comprometido com a realidade amazônica, o jornal garantiu aos leitores o exercício do direito à informação. O *B3* pautou assuntos que não eram abordados pela grande imprensa. Durante as sete edições, é possível observar que eram publicizadas aos leitores, temáticas sobre as contradições sociais, tanto da cidade quanto do campo, onde havia a incidência de conflitos pela terra.

E pontuou fatos relevantes no momento da integração da região amazônica ao resto do país, a partir de grandes projetos; por isso, em algumas edições, há sempre referência à região de Carajás.

Referências

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto história.* São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários.* Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991.

BANDEIRA 3

PINTO, Lúcio Flávio**.** *Bandeira 3*, Belém, n. 1, 15 a 22 de janeiro de 1975.

_____. *Bandeira 3*, Belém, n. 2, 22 a 28 de setembro de 1975.

_____. *Bandeira 3*, Belém, n. 3, 29 de janeiro a 5 de fevereiro de 1975.

_____. *Bandeira 3*, Belém, n.4, 5 a 11 de fevereiro de 1975.

_____. *Bandeira 3*, Belém, n. 5, 12 a 18 de fevereiro de 1975.

_____. *Bandeira 3*, Belém, n. 6, 19 de agosto de 1975.

_____. *Bandeira 3*, Belém, n. 7, 2 de setembro de 1975.

_____. *Bandeira 3*, Belém, n. zero, 11 de maio de 1991.

_____. Pará, 2011. 1 cassete sono (60 minutos).